

■ DIA INTERNACIONAL DO CIRCO

Moradores de Novos Alagados querem incentivo à cultura

REGINA BOCHICCHIO

No entorno da enseada na qual se localiza o bairro de Novos Alagados, no subúrbio ferroviário, moram mais de 150 mil pessoas. Mesmo assim, por ali, não existem teatro, cinema e raros são os espaços de lazer para uso das comunidades. Ontem, no Dia Internacional do Circo e do Teatro, os artistas amadores que residem na área não tiveram muito o que comemorar. Em vez disso, saíram em manifestação pelo trecho da Avenida Suburbana que vai da Baixa do Fiscal até o Lobato, reclamando contra a falta de incentivo à cultura nos bairros com população de baixa renda.

Fantasiados, cerca de 60 integrantes do grupo Caravana Cultural de Novos Alagados tomaram a meia pista da Suburbana com batuques, cornetas de plástico e fantasias. O organizador do evento, Sullivan Santos, 24 anos, professor de teatro amador na comunidade do Lobato, carregava uma pasta preta na qual se lia "Fora Funceb" (Fundação Cultural do Estado da Bahia).

"Estou mostrando isso porque a Fundação Cultural nunca nos atende nos pedidos. Não temos dinheiro e há três meses esperamos uma verba para a confecção de material gráfico para a divulgação do nosso evento. Mas, até hoje, dia do evento, não temos nada". Para a realização de acontecimentos pontuais durante esta semana, a Caravana conseguiu R\$ 8 mil através da Fundação Gregório de Mattos, do município. O dinheiro deve



LUCIANO DA MATTA

Artistas amadores fizeram protesto animado ontem pela manhã

ser usado em oficinas de arte para a comunidade que integram a programação de comemoração dos 457 anos de Salvador. A TARDE tentou, mas não conseguiu contato, por telefone, com a assessoria de imprensa da Funceb, no início da noite de ontem.

ALTERNATIVA – Daniele Silva Conceição, 18 anos, integrante do grupo de teatro da Caravana há dois anos, fala sobre a transformação de seu dia-a-dia a partir do momento em que começou com as atividades artísticas. "Eu era matriculada na escola, mas não ia, ficava na rua, jogando bola, por aí, conversando, paquerando. Agora eu entendi que é bom estudar, só assim eu poderia mudar alguma coisa em mim; e isso eu aprendi com o teatro. Hoje, pra mim, a escola, o teatro e minha família são tudo".

É certo que já virou lugar-comum defender que o jovem pobre, se tem a oportunidade de aprender um ofício ou, principalmente, algum tipo de arte, acaba, boa parte das vezes, fugindo da "vida bandida" que é o envolvimento com drogas e roubos. Os depoimentos dos meninos da Caravana acabam atestando que essa alternativa pode, de fato, fazer toda a diferença.

"Eu me sinto bem aqui e sei que vou aprender a tocar melhor e melhor, até que eu possa ser tocador do grupo. Não quero essa vida de rua", diz Mateus Barbosa Filho, 10 anos, tocador de sanfone de plástico no grupo Os Trovões Afrobahia, outro que integra a rede da Caravana, que congrega mais de 20 grupos de artistas amadores da região. Mateus, quando crescer, quer ser médico, "para ajudar os que ficam nas filas dos postos de saúde".